



José Eduardo Agualusa nasceu a 13 de Dezembro de 1960 na cidade do Huambo, em Angola. É membro da União dos Escritores Angolanos e exerce a profissão de jornalista, sendo colaborador do jornal *Público* e da RDP-África. *A Conjura* (1989), o seu primeiro romance, recebeu o Prémio Revelação Sonangol 1989. Seguiram-se *A Feira dos Assombrados* (novela, 1992), *Estação das Chuvas* (romance, 1996) e *Nação Crioula: A Correspondência Secreta de Fradique Mendes* (romance, 1997), que conquistou o Grande Prémio de Literatura RTP-1997.

José Eduardo Agualusa

FRONTEIRAS PERDIDAS

Contos para viajar

2.^a edição



PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

PLÁCIDO DOMINGO CONTEMPLA O RIO,
EM CORUMBÁ

Há algum tempo que pretendo contar a história de Plácido Domingo. Hesitei em fazê-lo porque já existe o Plácido Domingo, o tenor, mas nunca me conformei com isso. Certos nomes deviam ser obedecidos, isto é, deviam implicar um destino.

Na minha história, Plácido Domingo está velho. É um homem de pele dourada, seco, rosto esculpido a duros golpes de navalha, gestos demorados, e o verbo arcaico, cerimonioso, de um cavalheiro do século dezanove. Vive em Corumbá, pequena cidade nas margens do Rio Paraguai, junto à fronteira com a Bolívia. Imagino-o a descer todas as tardes a mesma rua deserta. Vejo-o sentar-se no café, junto ao cais, de frente para as largas águas do rio. O dono do café, um índio melancólico, cumprimenta-o sem se mover:

— Boas tardes señor Plácido!

O velho responde inclinando levemente a cabeça. Com as lentas mãos desdobra o lenço e limpa o suor da testa. O tempo enrosca-se aos seus pés como um cachorro vadio.

Plácido Domingo, o meu personagem, esconde, debaixo do grande sol de Corumbá, sob a mansidão de um quotidiano sempre igual, um antigo segredo. Na cidade ninguém sabe de onde ele veio. Chegou há

vinte anos num vapor cansado, alugou um quarto no Hotel Paraíso, e por ali ficou.

Uma vez por semana, aos domingos, cruza a fronteira e vai até Puerto Suarez. Encontraram-no uma vez remexendo velhos trastes, cobertos de poeira, num sombrio barraco de bugres, e foi quanto bastou para que dissessem que se dedicava a comprar e a vender as famosas cabeças reduzidas dos jívaros. Insinuaram-se até coisas piores.

Sentado na sua cadeira Plácido Domingo espera que o índio lhe traga, como todas as tardes, o caldo de piranha. Leva devagar a colher à boca e deixa que o calor lhe dilate o peito. Revigorado, abraça-se à bengala e fica ali, a olhar o rio, à espera que a noite se deite por inteiro, como uma manta de estrelas, sobre os sobrados tristes, a imensa planície inundada, a áspera gritaria dos pássaros.

Foi naquele café, precisamente àquela hora, que eu o encontrei. Assim que o vi soube que era ele. Tinha comigo velhas fotografias. Numa delas, Plácido Domingo estava vestido de camuflado e estudava um mapa. Era um homem bonito, alto e sólido, de bigode e pêra ao estilo da época — todos os homens queriam ficar parecidos com Lenine. Numa outra fotografia aparecia encostado a um jipe, sorrindo, rodeado por jovens guerrilheiros. Havia ainda uma imagem preciosa: Plácido Domingo, com uma metralhadora a tiracolo, ao lado de Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade. Coloquei as fotografias em cima da mesa:

— Comandante Maciel?

Ia a dizer, presumo, mas contive-me. O velho olhou para mim sem surpresa:

— Demorou muito, meu jovem.

Eu estava em Corumbá há uma semana. Tinha viajado durante dois dias, de ônibus, entre o Rio de Janeiro e Campo Grande. Em Campo Grande entrevistei o poeta Manoel de Barros. Já a caminho de Corumbá, enquanto o ônibus seguia aos solavancos por uma estrada de terra, tive tempo para reler a minha coleção de artigos sobre o Comandante Maciel. Pouca gente conhecia o seu verdadeiro nome: Plácido Afonso Domingo. Em 1962 ele era capitão do exército português. Nesse ano, numa operação cujo escândalo o regime de Salazar não conseguiu sufocar, desviou um avião para Brazaville e juntou-se aos guerrilheiros do MPLA. Desaparecia o Capitão Afonso Domingo e nascia um mito: o comandante Maciel. Após a Revolução de Abril, desembarcou no aeroporto de Luanda, com outros dirigentes do movimento, e foi levado em ombros por uma multidão eufórica.

A estrada corria por entre lagoas brilhantes. Vi os jacarés adormecidos ao sol. Vi uma sucuri enrolada num pau. Pouco a pouco, o céu mudou de cor e as árvores encheram-se de pássaros: garças de asas luminosas, araras vermelhas, bandos de periquitos. As primeiras luzes de Corumbá brilhavam na noite quando me lembrei da velha cidade do Dondo (Plácido Domingo era do Dondo).

Na manhã seguinte, ao contemplar o rio, eu compreendi o que tinha levado o velho guerrilheiro a ficar ali. Aquele era o Rio Quanza. As casas, adormecidas ao sol, repetiam o claro desenho das ruas do Dondo. Atordoado pelo calor, voltei a experimentar o estranho sentimento de me encontrar num lugar esquecido. O mundo passara por aquelas ruas, e fora-se embora. O branco casario do porto pertencia a uma outra era, quando o futuro começava em Corumbá. Um velho pescador, limpando o suor do rosto com a ponta da camisa, contou-me que a cidade já fora o maior porto da América Latina. Eu conhecia a história. Primeiro a opulência, o fausto, a seguir a notícia de que o comboio avançara do litoral até uma cidade próxima, deixando o rio de ser o principal caminho. E depois o abandono.

Risquei a segunda pergunta do meu caderno de apontamentos:

— Porque decidiu viver em Corumbá?

A primeira pergunta, na verdade, é que me tinha feito percorrer aquela distância toda:

— O senhor saiu de Angola em 1975 e não regressou. O que aconteceu?

Plácido Domingo estava à espera que eu lhe perguntasse aquilo. Acho que tinha esperado vinte anos:

— Muito provavelmente você vai-se arrepender de me ter feito essa pergunta...

Em 1975 toda a gente acreditava que ele seria nomeado Ministro da Defesa. Porém, poucas semanas antes

da independência, Agostinho Neto enviou-o a Cuba, numa missão secreta, e nunca mais ninguém o viu. Disseram que a FNLA o tinha atraído para uma armadilha. Disseram que se zangara com Fidel Castro. Disseram que havia fugido com uma fortuna em diamantes. Disseram que morrera em Havana de um ataque cardíaco.

— Disseram muita coisa acerca de mim — concordou Plácido Domingo —, e nem se aproximaram da verdade.

Calou-se e eu pensei que ele não me iria responder. Mas respondeu:

— Trabalhei sempre para os portugueses. Era, digamos assim, agente da Direcção-Geral de Segurança, a PIDE. Quando desviei o avião para Kinshasa levava como missão infiltrar-me nas estruturas do MPLA, e foi isso que fiz.

Compreendi que me teria contado toda a história ainda que eu não lhe fizesse nenhuma pergunta. Ele precisava de contar aquilo a alguém para que a sua vida parecesse ter sentido.

— A revolução apanhou-nos de surpresa. Num dia tínhamos o terrorismo quase controlado e no dia seguinte os terroristas estavam no poder.

Calou-se outra vez. Um barco apitou longamente enquanto se afundava na noite. O velho quis saber se Lúcio Lara já tinha morrido. E Iko Carreira? Eu disse-lhe que, tecnicamente, os dois ainda estavam vivos. Ele suspirou:

— Imagine uma criança segurando um papagaio de papel. Imagine que alguém aparece de repente e com uma lâmina corta o cordel que segura o papagaio. Quando se deu o 25 de Abril eu senti-me como esse papagaio. Num dia tinha uma pátria, tinha uma missão, era um soldado e cumpria ordens. No dia seguinte Portugal, aquele Portugal que era a minha pátria, já não existia, já não existia quem segurava os cordéis. Tudo isso tinha deixado de existir e eu era realmente um terrorista pago por Moscovo.

Levantou-se e apontou com a bengala na direcção do rio:

— O Quanza, não acha?

Perguntei-lhe se mais alguém, em Angola, conhecia aquela história. Plácido Domingo olhou para mim como se eu fosse uma criança:

— Tínhamos muita gente infiltrada no movimento, é claro, e dois ou três jovens em posições importantes. Esses ficaram ao lado dos comunistas e hoje, possivelmente, ocupam posições ainda mais importantes.

Entregou-me as fotografias:

— Fique com elas. Esse homem não sou eu.

O EVANGELHO SEGUNDO A SERPENTE

O *Mercedes* estava parado diante do Palácio de Dona Ana Joaquina. Vi-o de longe, brilhando ao luar, como uma jóia caída na lama. Achei que era um local um pouco estranho para estacionar um carro daqueles. O Palácio estava completamente silencioso. Através da larga porta, entreaberta, dançava a luz triste de uma fogueira. Eu não queria olhar para o velho edifício. Veio-me à memória o rosto de um amigo, morto, dentro do seu caixão. O caixão tinha uma pequena janela, à altura da cabeça, e eu espreitei e pude vê-lo. Aquilo tinha sido o meu amigo.

Era a mesma coisa com o Palácio: aquilo tinha sido o Palácio de Dona Ana Joaquina. Agora era um destroço numa cidade destroçada. Uma ruína humilhada, profanada por vagabundos, prostitutas, uma pobre gente sem eira nem beira. Senti-me de repente muito órfão.

Naquele momento uma voz chamou-me: «jovem, por obséquio...». Vi que a janela posterior do *Mercedes* estava aberta e aproximei-me. Antes de distinguir o rosto do homem vi a pistola, vi a mão dele segurando a pistola:

— O seu relógio, jovem, por obséquio. E depois a carteira...

Fiquei estupidamente a olhar para ele. O homem sorriu:

— Desculpe, meu jovem, devia-o ter prevenido. Isto é uma expropriação.

Entreguei-lhe o relógio e a carteira. Agora podia vê-lo muito bem: o homem tinha o rosto perfeito do Denzel Washington. Vestia um fato cinzento, gravata azul, e na lapela trazia um alfinete com a bandeira de Angola. A minha surpresa pareceu diverti-lo. Guardou a carteira e o relógio e depois abriu a porta:

— Não quer entrar?

Não era uma pergunta, evidentemente, era uma ordem. Chegou-se para o outro lado e eu entrei. O carro tinha estofos de couro. Cheirava a couro e a perfume. O motorista estava fardado como um general.

— Está tudo bem Higino — disse-lhe Denzel Washington — vamos para a Ilha.

O *Mercedes* avançou sem ruído através da cidade.

— Ninguém lhe disse que é perigoso passear em Luanda a uma hora destas?

Eu não estava a passear. Mas preferi ficar calado. Talvez aquilo fosse apenas uma brincadeira. Alcançámos a marginal sem encontrar viva alma, depois dobrámos para a Ilha, passando pela Fortaleza, e finalmente parámos sobre a praia, voltados para o espelho luminoso da baía. Denzel Washington saiu do carro e com um gesto largo apontou para a cidade:

— Estás a ver isto? É tudo nosso! Eu conheço-te, conheço-te muito bem. Fazes parte desses que dizem

que nós estamos a roubar Angola. Mas vocês esquecem-se que somos independentes, tudo isto é nosso, e ninguém rouba aquilo que é seu.

Dei-me conta de que ele tinha começado a tratar-me por tu. Aquela intimidade enfureceu-me. O tipo ficara-me com a carteira e o relógio, levara-me à força até ali, e agora tratava-me por tu? Saí do carro, atirei com a porta, e disse-lhe que não estava disposto a conversar com bandidos. O homem sorriu (Denzel Washington teria sorrido assim) e prosseguiu o discurso:

— Também dizem que nós destruimos este país. Destruir? Estamos simplesmente a reajustá-lo a África, aos nossos hábitos culturais. Luanda, por exemplo, era uma cidade europeia, um corpo estranho relativamente ao resto do país. Foi preciso corrompê-la para a libertar.

E a miséria? A miséria, na perspectiva dele, é necessária:

— A desigualdade social favorece o desenvolvimento: os pobres invejam os ricos e por isso trabalham. Os muito pobres trabalham para não morrerem de fome.

Deixei-o falar. Queria voltar para casa e estender-me na cama. Ele percebeu o meu cansaço:

— Vou deixar-te aqui — disse —, mas primeiro dás-me os teus sapatos.

Tirei os sapatos e Higino, o motorista, guardou-os na bagageira. Denzel Washington reocupou o seu assento e fechou a porta. Acenou-me, num gesto dis-

traído, enquanto o *Mercedes* se afastava. Parecia um chefe de Estado.

Voltei a pé, descalço, na direcção do Palácio de Dona Ana Joaquina. Já tinha andado bastante, estava em frente da Embaixada de Itália, quando um vulto feminino se destacou das sombras. Era uma menina dos seus dezasseis anos. Trazia o cabelo repartido em finas e compridas tranças, que lhe davam pela cintura, e a faziam parecer mais alta. Parou mesmo à minha frente:

— És italiano?

Apanhado de surpresa disse-lhe a verdade:

— Não, creio que sou daqui.

Ela olhou-me de alto a baixo, reparou nos meus pés descalços, e riu-se. «Estou a ver», troçou. Virou costas e foi-se embora sem olhar para trás.

OS PRETOS NÃO SABEM COMER LAGOSTA

Florzinha desceu as escadas como se a esperasse o triunfo de uma passarela. A cabeleira espessa, luminosa, caía-lhe em desafio pelas costas. O vestido de seda, negro e ouro, parecia fazer parte do seu corpo esguio.

O Embaixador viu-a avançar com a sensação de que alguma coisa de irremediável estava prestes a acontecer. Tinha a boca seca: «Esta mulher», murmurou, «faz seu o chão que pisa.» Café, ao lado dele, não gostou da observação. Desagradou-lhe ainda mais o escuro alvoroço na voz do Embaixador. «O chão já lhe pertence», respondeu agreste: «é a minha filha.»

Florzinha, ignorando o silêncio ansioso dos homens, foi buscar uma cadeira e sentou-se ao lado do pai. O Embaixador bebeu o *whisky* de um único trago. Voltou a servir-se enquanto tentava pensar nalguma coisa para dizer, mas não lhe ocorreu nada.

Nesse momento o guarda bateu à porta: estava um preto lá fora, a falar estrangeiro, e a perguntar pelo senhor Café.

— Preto é você! — corrigiu Café —. Esse senhor é americano.

Jimmy tinha chegado no dia anterior. Era a primeira vez que se encontrava em África e sentia-se

emocionado. Cumprimentou os três homens com um caloroso aperto de mãos:

— Finalmente estou em casa.

Disse aquilo devagar, pausadamente, porque não tinha a certeza de ser compreendido em inglês. Aldemiro, que o havia conhecido em Nova Iorque, explicou a comoção do visitante:

— Jimmy acha que é tetraneto da Rainha Ginga. Há muitos anos que ele pretendia conhecer Angola.

Café perguntou, em português, se na América todos os negros eram descendentes de reis. Aldemiro traduziu a pergunta:

— O Carlinhos quer saber se nos Estados Unidos ainda existe muito racismo.

Jimmy ficou sério. Estava em África, estava em casa, estava entre os seus. Podia desabafar. Sim, nos Estados Unidos os brancos continuavam a oprimir os negros. Tinham lutado muito, muita coisa agora era diferente, mas os negros ainda não eram inteiramente livres. Os brancos faziam com que eles se sentissem numa propriedade alheia. A América, para os negros, era um país emprestado. Ali, em Angola, pelo contrário, ele, Jimmy Waters, sentia-se um homem livre.

— Isso parece conversa de político — cortou Café —, alguém devia explicar a este cidadão que nós queremos simplesmente o dinheiro dele.

Aldemiro sorriu para Jimmy e traduziu:

— O Carlinhos diz que está feliz por ver que os afro-americanos decidiram finalmente investir em Angola.

Jimmy sentiu vontade de abraçar Café. Ao chegar a Luanda, ainda no aeroporto, tivera a impressão de já conhecer algumas daquelas pessoas.

— A escravatura separou as famílias — disse Jimmy gravemente —, nós podemos até ser primos. Talvez tenhamos um avô em comum.

Café começava a perder a paciência:

— Tretas! Na minha família calçamos sapatos há mais de duzentos anos. Foi o meu avô quem mandou o avô deste gajo cortar cana do outro lado do mar.

Aldemiro traduziu rapidamente, receoso de que Café, irritado, decidisse explicar melhor a sua posição:

— O Carlinhos acha que você tem um tipo bem luandense. O Jimmy podia ser angolano.

Embora não gostasse de falar inglês, Café compreendia quase tudo:

— Angolano, este merdas? Puta que o pariu!...

Aldemiro abriu a boca sem saber como explicar (em inglês) o súbito furor do anfitrião. Olhou para Jimmy, que sorria para eles, intrigado, e fechou a boca. Nesse momento José Bento Nicolau apareceu à porta segurando na mão direita um enorme ramo de rosas.

— Boa tarde, minha gente — cumprimentou, enquanto entregava o ramo a Florzinha. — São para Dona Maricota.

Jimmy olhou para ele com desconfiança. O que fazia um branco naquela casa? Aldemiro adivinhou o pensamento do amigo:

— O José Bento é branco, mas é um branco da terra, é angolano.

— Sim, sim — confirmou José Bento como se pedisse desculpa pelo facto —, sou angolano.

Dona Maricota veio informar que o jantar estava servido. Seguiram-na todos, excepto Florzinha, entretida a arrumar num jarro o ramo de rosas. Aldemiro esperou que os outros passassem para a sala de jantar. Aproximou-se então de Florzinha e rosnou-lhe ao ouvido: «cabra, trincava-te o pescoço». Aldemiro Pacheco tinha feito fortuna durante os dez anos em que dirigira a Secretaria de Estado das Pescas. O povo chamava-lhe Aldemiro Peixe Seco. Alto, elegante, boa figura, vangloriava-se de ter dormido com todas as mulatas de Luanda. Florzinha olhou-o de frente e Aldemiro compreendeu que aquela mulher não teria piedade dele:

— Faria melhor se fosse trincar a lagosta. O senhor nasceu homem, mas não exerce. A cidade inteira faz troça de si.

Aldemiro pensou em esbofeteá-la mas conteve-se. Virou-lhe as costas e foi ocupar o seu lugar à mesa. Café tinha-se acalmado:

— Diz ao teu amigo que se prepare para comer a melhor lagosta do mundo.

O jantar correu bem. Falaram de negócios. Aldemiro bebeu mais do que o costume. À sobremesa estava um pouco eufórico. Levantou-se e quis fazer um discurso:

— Esta noite vai marcar o início de uma grande revolução...

Café agarrou-o por um braço:

— Senta-te — ordenou. — Hoje não bebes mais.

Já toda a gente tinha terminado de comer a sobremesa quando dona Maricota encheu um prato com lagosta. O marido estranhou:

— O que é que estás a fazer?

— É para o guarda — explicou ela —, o desgraçado ainda não jantou.

Café zangou-se:

— Isso é que era bom! Os pretos não sabem comer lagosta.

Jimmy, inquieto, perguntou o que é que se estava a passar. Aldemiro traduziu:

— O Carlinhos diz que os pretos não sabem comer lagosta.

Toda a gente se riu. Todos menos Jimmy Waters. Tinha regressado a África, estava na terra da sua avó, a Rainha Ginga, e aquela não era a sua casa.